

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

(AVENÇA)

Não se devolvem originais quer sejam ou não publicados

Redacção e Administração
Rua Dr. Parreira, 13 — TAVIRA — Telef. 127

DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETARIO

MANUEL VIRGÍNIO PIRES

ASSINATURAS

Série de 10 números—No concelho de Tavira. . 8\$00
, » 10 » —Para outras localidades. . 9\$80

Composição e Impressão
Tipografia «POVO ALGARVIO» — Tavira

Aspecto Filosófico da Pena de Morte?

— ... Aliás, as razões com que normalmente se defende a manutenção da pena de morte não deixam de ter uma certa lógica (uma vez, claro, que a gente queira fechar os olhos e não ver a falsidade da premissa maior implícita em cada uma dessas razões...) —

Caryl Chessman — «Condensado em Nome da Lei», pág. 22

DEPOIS do meu débil grito de alarme acerca da pena de morte, no último número deste jornal, pessoa amiga chamou a minha atenção para o artigo de fundo do jornal «Novidades» de 4 p.p., em que o articulista contempla a legitimidade da pena de morte sob dois aspectos: O «filosófico-religioso» e o «prático».

Como o que lá se afirma merece alguns reparos, também nesta réplica serão considerados estes três aspectos, tratando em primeiro lugar o aspecto filosófico.

Desde já se declara que defender a aplicação da pena de morte — e muito especialmente nesta ocasião em que todo o mundo 'civilizado reagiu, e continuará ainda por muito tempo a reagir, contra esta afronta à dignidade da pessoa humana — não deixa de ser um desafio àqueles que se esforçam para que tal nódoa seja banida do seio da humanidade, posto que a pena de morte é, tal com odisse o cônego Collins, «a mais desonrosa prova da incapacidade do mundo para se conduzir segundo os seus ideais»!

Como no aspecto filosófico, tem a vida uma categoria axiológica de valor inestimável, visto que a «vida é o máximo bem a que o homem pode aspirar, o mais alto e o último dos bens para além do qual nada mais é possível desejar», lógico seria contemplar a pena de morte, (que é a espoliação, o roubo, desse bem,) à luz da Filosofia dos Valores. Mas o articulista contemplou-a à luz da Escolástica, como não podia deixar de ser... visto que se propunha definir a posição da Igreja nesta questão.

Comecemos por transcrever, com a devida vénia, o essencial desse artigo:

«Fácil se torna de facto aos tratadistas, filósofos, moralistas, juristas ou teólogos, provar a legitimidade da pena de morte, (todo o sublinhado é nosso) recorrendo a um argumento que, impondo-se pela simples enunciação, se pode formular da maneira seguinte:

Sem dúvida que o Estado, entre os seus direitos fundamentais deverá ter o direito da pena de morte, se este se reconhecer necessário para a consecução e tutela do bem comum.

«Ora, por vezes, em certos casos particulares, nesta ou

Continua na 2.ª página

Desembargador

Luís Joaquim Pinto

Acaba de ser promovido à 2.ª instância e colocado como Juiz Desembargador da Relação do Porto, o sr. Dr. Luís Joaquim Pinto, que durante alguns anos exerceu em Tavira, com elevado critério de justiça, primeiramente as funções de Delegado do Procurador da República e anos depois a de Juiz de Direito.

Revelou-se sempre um magistrado integérrimo e possuidor de excelentes dotes de inteligência, tendo conquistado nesta cidade algumas sólidas amizades.

Ao assumir tão elevadas funções na magistratura, endereçamos ao novo Juiz Desembargador da Relação do Porto, sr. Dr. Luís Joaquim Pinto, nosso velho e prezado amigo, as nossas felicitações, com votos de muitas prosperidades no desempenho do seu alto cargo.

Na Academia das Ciências

Dr. Júlio Dantas

foi consagrado no bronze

O ILUSTRE algarvio e eminente Homem de Letras sr. Dr. Júlio Dantas, Presidente de Honra da Academia das



Dr. Júlio Dantas

Ciências, foi alvo de mais uma honrosa quanto significativa homenagem.

Por deliberação do plenário daquela erudita corporação foi erigido um busto em bronze do notável escritor, na ante-câmara da sala das sessões ordinárias.

O acto que se revestiu de extraordinário relevo teve a presença dos srs. Ministros da Educação e das Obras Públicas além das figuras mais des-

Continua na 2.ª página

Semana das Colónias

Conforme havíamos noticiado realizou no passada dia 13 do corrente, a sua anunciada conferência sobre as Comemorações Henriquinas, o sr. Capitão Castro Sousa, no Teatro António Pinheiro desta cidade, perante numerosa assistência.

Dada a hora tardia a que terminou só no próximo número do nosso jornal o nosso crítico cultural se referirá ao facto em detalhe.

Aproveitamos, porém, esta oportunidade para felicitar o sr. Capitão Castro Sousa pelo seu excelente trabalho que foi muito aplaudido pela assistência.

A Câmara de Tavira

informa:

ENCONTRA-SE quase no final a remodelação da rede eléctrica do lado ocidental da cidade, tendo por este motivo diminuído consideravelmente a necessidade da mão de obra.

AUMENTOU consideravelmente a despesa com a compra de energia eléctrica à Alfança Eléctrica do Sul, mantendo-se mais ou menos a mesma receita, em virtude do abaixamento das tarifas.

Em esta Câmara conhecimento, até porque foi observado directamente por alguns dirigentes, que na limpeza dos estabelecimentos comerciais e das escadas dos prédios, o lixo é deixado para a rua, o que além de anti-higiênico é também um caso de consciência. Então estamos a gastar cerca de 20.000\$00 por mês em saneamento (240.000\$00 por ano!) e a população, em vez de ajudar, atrai o lixo para a rua? Não quer esta Câmara sem a devida prevenção entrar no caminho das multas, mas não deixará de o fazer se as coisas continuarem assim.

FOI nomeado director da Biblioteca Municipal e, consequentemente vogal da Comissão Municipal de Arte e Arqueologia, o sr. Manuel Virgínio Pires.

ESTÃO em reparação os bancos do Jardim Público.

Continua na 3.ª página

Este número foi visado pela Delegação de Censura

QUADROS

21 de Loulé Antigo

SÃO Brás de Alportel não descansa. O caminho de ferro variante de Loulé, esboça os espíritos de todos os sambra-senses. Já fizera uma grandiosa sessão de protesto no dia 17 de Setembro. Não esmorecendo, tal a luta renhida que mantém, logo a 24 do mesmo mês e ano, uma volumosa sessão magna leva a efeito para mais desenvolvimento antepôr-se aos projectos louletanos.

Várias são as considerações que nela se fazem; e, por último, do presidente da Comissão Administrativa do Município é endossado ao Eng. Fernando de Sousa, o seguinte officio:

«Tenho a honra de comunicar a V. Ex.ª que o artigo «Ramal ou desvio?» publicado no n.º 2557, de a Época, de 24 do corrente e firmado por V. Ex.ª o qual se destaca por uma notável clareza, proficiência e imparcialidade, foi justamente apreciado por esta Câmara que deliberou, em sua sessão de hoje, saudar V. Ex.ª não só o grande jornalista que honra sobremaneira a Imprensa do nosso País, se não também o nobre carácter que tão alevadamente patrocinou esta justíssima causa.

Obras de António Aleixo

AS obras de António Aleixo, o saudoso cauteleiro-poeta algarvio, acabam de ser reeditadas por seu filho Assim, apareceram nos escaparates das livrarias as 3.ª edição da obra «Quando começo a cantar» e a 2.ª de «Intencional».

Com a nova edição destes livros voltamos a relembrar esse simpático cantor popular de feira em feira, esse cauteleiro e guardador de rebanhos, possuidor de um verdadeiro talento de poeta que teria caído no mar do esquecimento se não fora a carinhosa protecção de outra alma generosa de poeta, que é o Dr. Joaquim de Magalhães, a quem este Algarve, que tanto adora e onde constituiu o seu lar, já muito lhe deve no campo cultural.

O produto desta nova edição destina-se, como é natural, a ajudar a viúva e família do poeta popular que vive em precárias circunstâncias.

E as quadras de António Aleixo, de um sabor popular, revestidas de conceito, em tom irónico de

Continua na 4.ª página

A Banda de Tavira

está hoje em Setúbal no Concurso de Bandas Civis

A VELHA Banda de Tavira, de tão gloriosas tradições musicais, por onde passaram valores artísticos de renome nacional, a cujos destinos presidiram as mais famosas batutas, ainda é hoje uma colectividade que honra a província do Algarve. Restos duma grandeza, frutos duma escola que criou raízes na cidade do Séqua. São hoje esses novos elementos, de mistura com al-



A BANDA DE TAVIRA

Foto Andrade

guns músicos que fizeram parte da tão famosa Banda Municipal de Tavira, que Isidoro Pires fundou, que constituem a actual Banda de Tavira.

Sem aquele amparo que deviam merecer estas instituições de utilidade pública, da parte do Estado, ela tem-se mantido graças aos auxílios particulares e do Município.

Pois é esta Banda jovem, que sob a regência de Sebastião Leiria, à hora do nosso jornal estar a ser distribuído, já galgou, num autocarro, os contrafortes da serra do Caldeirão com destino a Setúbal, onde hoje, pelas 15 horas, perante um júri competente, vai pela segunda vez prestar provas num certame da sua categoria.

O condutor artístico desse agrupamento tavirense é também esse outro tavirense que há anos, no palco do Maria Vitória, em Lisboa, soube conquistar os mais calorosos aplausos do público e da Imprensa da capital para o orfeão da sua terra.

Acompanhamo-lo com entusiasmo em mais esta sua arrancada artística.

Com raras excepções de indiferentismo, a cidade estima e acarinha a sua banda de música e, muito embora a grande maioria não se desloque por motivos da sua vida, tal como aconteceu quando da primeira prova efectuada em Faro, estamos certos de que lá estará

Homenagem

ao Dr. Jorge Correia

Por motivos ponderosos, a homenagem que a colónia de Tavira em Lisboa ia prestar no dia 29 do corrente ao seu lúdimo conterrâneo sr. Dr. Jorge Correia, presidente do Município de Tavira, fica transferida para o próximo dia 19 de Junho, continuando-se a receber as inscrições até esta data, na Casa do Algarve, Rua Capelo, 5-2.º telef. 23240, em Lisboa.

A Comissão

Quadros de Loulé antigo

Continuação da 4.ª página

to; S. Brás também já não se incomoda, e, na própria «Gazeta dos Caminhos de Ferro» onde figuram como directores o Eng. e o meu camarada combatente (colega na comissão da festa anual do B.S.C.F.) Carlos d'Ornelas a campanha pró desvio é desenvolvida. Pois nela o técnico, Eng. chefe de zona dos serviços de via e obras da C.P., Jaime Galo, desenvolve esse magno assunto a favor de Loulé. É em carta de 21/1/1942, diz-me o presidente da Câmara: «Volta-se, novamente, a fala na maior pretensão da nossa vila — a variante do Caminho de Ferro. O artigo do Eng. Galo causou óptima impressão e veio trazer-nos novos alentamentos».

Nesta altura já a Comissão de Lisboa muito trabalhava, comissão que a sessão de 15 de Novembro de 1939, da Câmara da presidência de José da Costa Guerreiro, tornou idónea com o seguinte despacho:

«Sancionar em nome da Câmara todas as diligências levadas a efeito pela Comissão constituída em Lisboa pelos srs. Eng. Nobre dos Santos, Dr. João Maria de Barros Santos e por Pedro de Freitas em prol da obtenção da variante ou desvio do Caminho de Ferro para esta vila e dar oficialmente o seu apoio à mesma Comissão para que continue pugnando e empregando os seus esforços no sentido de se conseguir a realização de tão importante como útil melhoramento».

Neste mesmo despacho que reconhecia a Comissão, mais foi deliberado: «Fazer à Direcção dos Caminhos de Ferro, uma circunstanciada exposição em defesa deste magno problema pelo qual Loulé aspira há mais de cinquenta anos».

em espírito para incitar e aplaudir os seus artistas, que daqui partiram cónscios das suas responsabilidades e senhores do seu papel.

Nunca a Banda de Tavira, outrora quando atingiu o seu apogeu, teve oportunidade para intervir num concurso oficial, porém, graças à F.N. A.T. vai agora, embora em condições mais reduzidas, mostrar o seu valor com os olhos fitos nesse passado grandioso, evocando as figuras de Nicolau Júnior, Ribeiro Dantas, Herculano Rocha, Silva Domingues, etc., que a elevaram às mais altas catedrais da Arte.

À Banda de Tavira, que representa hoje o Algarve na formosa cidade do Sado, desejamos boa viagem e um bom êxito na prova.

Assinal o «Povo Algarvio»

Na Academia das Ciências

Continuação da 4.ª página

tacadas das Letras, das Ciências e das Artes portuguesas. O Dr. Júlio Dantas, a quem se devem algumas das mais belas obras da nossa literatura contemporânea, teve nesta justa consagração a glória da vida a perpetuar-se no bronze, transpondo assim triunfalmente as portas da imortalidade.

Diversos oradores fizeram o elogio da prestigiosa figura do escritor e académico.

Numa carta enviada ao professor D. António Pereira Forjaz, secretário geral da Academia, o sr. Dr. Júlio Dantas, referindo-se à homenagem entre outras observações afirma:

«Pensei em assistir à solenidade para ter o prazer de agradecer-lhes a todos de viva voz. Alguns momentos de reflexão aconselharam-me, porém, a que o não fizesse, já porque o meu coração não é de confiança e preciso de o poupar a grandes comoções, já porque a minha presença poderia parecer indiscreta tratando-se de uma homenagem que, em regra, só se presta a título póstumo. Tenho a impressão de que eu seria demais nesse acto e de que o meu próprio busto não se sentiria bem diante de mim. Reservo para mais tarde o meu agradecimento formal, limitando-me por agora a pedir aos senhores académicos que vejam nesse bronze, trabalhado por um artista ilustre, não o homem obscuro que ele representa, mas a imagem de nós todos, o símbolo pessoal de uma época laboriosa da vida desta Academia».

Deste cantinho do seu Algarve, terra que o viu nascer e berço dos seus ancestrais, endereçamos as nossas mais cordiais saudações a esse expoente máximo da nossa literatura, por tão justa consagração.

Inspecção de mancebos em Concelho diferente daquele por onde foram Recenseados

O D.R.M. n.º 4 faz saber que os mancebos que residam há mais de sessenta dias em Concelho diferente daqueles por onde foram recenseados poderão ser inspecionados com os mancebos do Concelho onde residam, desde que o requeiram aos Comandantes de Região ou Governadores Militares da área onde vivam. Para tanto, deverão enviar aos D.R.M. a que pertencer a Junta de Recrutamentos, até 30 de Maio corrente, os seus requerimentos acompanhados de atestado de residência.

ACHADO

Está depositada no Posto da G.N.R. de Tavira, uma bicicleta encontrada abandonada, por pessoal da referida Corporação, que será entregue a quem provar pertencer-lhe.



Pela Cidade

Teatro António Pinheiro— Espectáculos da semana—Hoje, para maiores de 17 anos, *O Sétimo Pecado*, com Eleanor Parker e Bill Travers.

Quinta-feira, em espectáculo para maiores de 17 anos, *O Homem que não queria matar*, com Titanic.

Farmácia de serviço—Está de serviço urgente, durante a presente semana, a Farmácia Aboim.

O Vôo das Aves

Pela menino Custódio Valentim Mestre, foi há tempo encontrada uma ave, vulgarmente conhecida por gaivota, na propriedade de seu pai, sr. José Custódio, no sítio do Mato de Santo Espírito.

A ave era portadora de uma anilha com a seguinte inscrição: Voc e Lwarte—Radolfzeell—E. 15563—Germania.

Onde a noite se acaba

Quando em 1946 a primeira edição deste livro foi publicada no Brasil, o coro de louvores que a crítica de então ergueu, fez lamentar a todo o público interessado, que tão limitado tivesse sido o número de exemplares da obra distribuídos no nosso País. Surge agora esta 2.ª edição, apresentada com um cuidado gráfico que a primeira não tinha e que, de algum modo, prejudicava a obra. É como um livro novo que surge. A frescura, a eterna mocidade que parece ser condão da prosa de José Rodrigues Miguéis, sente-se melhor nesta edição, que o autor reviu e corrigiu.

Tal como *Léah*, também este livro se compõe de novelas e contos. «Coração repartido pelo mundo» Miguéis situa a acção das suas histórias na Inglaterra, na Bélgica, na América do Norte, neste Portugal aonde a sua universidade volta sempre a revigorar-se. Admiráveis histórias estas, em que a ironia — porventura o traço mais constante da maneira de Rodrigues Miguéis — se associa à emoção sem sentimentalidade, em que não é raro surdir, de repente, como uma fonte de água fresca, um jorro do mais puro lirismo. Há também o traço mórbido que foi predominante até certa altura da obra de Miguéis, mas essa morbidez é proveitosa quando é motivo para novelas como *A Mancha não se Apaga*. E que dizer dessa «educação para a vida» que é, no fundo, *A Linha Invisível*, em que se aponta, sob a roupagem da ficção, essa linha sem consistência palpável, mas real, que prende os homens e que os inibe de serem generosos, ousados e bons? *Cinzas de Incêndio* é a narrativa pungente de uma grande paixão, e de um orgulho: o orgulho do sangue, o apelo da raça. E *O Acidente*, que alguns consideraram um simples «fait-divers», e que a sério, é um «fait-divers» posto em arte. Um «fait-divers» esquece-se facilmente, mas não acreditamos que alguém com sensibilidade possa esquecer aquela velha viúva a quem já morrera o marido e agora morre o filho, um pouco tonta pela desgraça que lhe caiu em cima, e que volta todos os dias ao lugar onde o filho teve o desastre que o matou, sempre com a mantilha composta, o guarda chuva apertado ao peito, e o cesto na mão direita.

E são mais as histórias. Todas elas verdadeiras obras de arte literária, de que nunca a humanidade está ausente, irónicas, trágicas, apaixonadas — como são afinal, estas vidas que os homens levam.

Este ingénuo símile não carece de comentários... Antes de continuar devo, porém, explicar que a razão de tão extensa transcrição provém do facto de se afigurar impossível focar todos os pontos que merecem reparos, por falta de espaço.

Só assim me poderei limitar às «letras gordas» e deixar tudo o resto ao esclarecido critério dos leitores.

O articulista conclue esta primeira parte do seu caviloso artigo muito consoladamente: «Parece-nos assim ficar clara e suficientemente provada a legitimidade intrínseca da pena de morte».

Pois não fica, não senhor, como o provam as próprias palavras de Chessman acima transcritas, que essas, sim, são lapidares.

Toda esta habilidosa cons-

Júlio Sancho

Médico-Radiologista

RADIODIAGNOSTICO-FOTOMOGRAFIA—TRATAMENTOS ELÉCTRICOS—ONDAS CURTAS—ULTRA-SONS Clática, lumbago, artrose deformante, nevralgias, etc.

CONSULTÓRIOS FARO—PORTIMÃO tefs. 368

Aspecto Filosófico da Pena de Morte?

Continuação da 1.ª Página

naquela época, para este ou aquele Estado, não é possível garantir a consecução e tutela do bem comum sem o uso da pena de morte.

«Logo a pena de morte é legítima e pode ser aplicada pelo Estado, quando este entender que, sem ela, não poderá garantir eficientemente a consecução e tutela do bem comum».

E para provar que estes princípios (postos à maneira de silogismo aquinense) são aceitáveis à própria luz da razão natural, escreve:

1.º) — É aceitável que o Estado deva ter todos os direitos que lhe são indispensáveis para realizar o seu fim primário e essencial, ou seja, a defesa do bem comum, a manutenção da ordem pública e a segurança para a comunidade. Ou então o Estado deixaria de ser Estado porque ficaria automaticamente impedido, por falta dos referidos direitos, julgados em princípio indispensáveis, de realizar o seu fim.

2.º) — É aceitável que, se a pena de morte se julga indispensável para a tutela do bem comum e manutenção da ordem pública, Deus tenha delegado no Estado (e só Ele o pode fazer, como autor e senhor da própria vida) o poder de matar, pela simples razão de que, querendo Deus a sociedade e a autoridade deve querer igualmente tudo que garanta a subsistência ordenada dessa sociedade e o exercício seguro dessa autoridade.

3.º) — É aceitável que, por vezes a pena de morte se apresente, nesta ou naquela época, para este ou para aquele Estado como necessária e indispensável.

E justifica essa necessidade «como medida preventiva indispensável»: visto que sendo os homens dominados por instintos prepotentes, egoísmos e paixões sendo assim «intimidados» se absterão «de perturbar a ordem social estabelecida».

Justifica ainda a pena de morte «como um adequado restabelecimento da ordem jurídico-moral transbordada em certos casos de excepcional e extrema gravidade».

E ainda: «como defesa necessária do organismo social» pois que a pena capital livra definitivamente a comunidade dum elemento nocivo e perigoso.

Para tanto faz coro com Tomás de Aquino que disse: «Assim como é lícito cortar um membro do corpo, quando o exigir a saúde ou a conservação do organismo, assim também é permitido remover pela morte um membro da comunidade, quando tal se torna necessário para conservação e defesa da mesma sociedade».

Este ingénuo símile não carece de comentários...

Antes de continuar devo, porém, explicar que a razão de tão extensa transcrição provém do facto de se afigurar impossível focar todos os pontos que merecem reparos, por falta de espaço.

Só assim me poderei limitar às «letras gordas» e deixar tudo o resto ao esclarecido critério dos leitores.

O articulista conclue esta primeira parte do seu caviloso artigo muito consoladamente: «Parece-nos assim ficar clara e suficientemente provada a legitimidade intrínseca da pena de morte».

Pois não fica, não senhor, como o provam as próprias palavras de Chessman acima transcritas, que essas, sim, são lapidares.

Toda esta habilidosa cons-

trução silogística à moda de Tomás de Aquino cai pela base porque parte duma premissa errada. É aliás, o que sucede a todos os silogismos que assentem sobre uma base falsa.

Essa premissa é a seguinte: «Sem dúvida que o Estado entre os seus direitos fundamentais deverá ter o direito da pena de morte».

Os estados que tenham a pena de morte como um dos seus direitos, são estados de poder absoluto, são tiranos, pois absolutismo e a tirania com facilidade se confundem.

As Constituições têm justamente como função definir os direitos do Estado.

Os povos que se dizem civilizados não podem admiti-los, e portanto não são aceitáveis os conclusivos n.º 1, 2 e 3 do articulista.

Experimente o leitor substituir aquela premissa por esta outra: Sem dúvida que o Estado, entre os seus direitos fundamentais não deverá ter o direito da pena de morte a menos que se trate dum tirano, e verá que tudo o resto se volta imediatamente de pernas para o ar.

Partindo desta premissa teremos de concluir: É possível garantir a consecução e tutela do bem comum sem o uso da pena de morte (pela prisão, por exemplo).

A pena de morte não é legítima e não pode ser aplicada pelo Estado, pois poderá ser garantida eficientemente, sem esse execrável extremo, a consecução e tutela do bem comum sem correr o risco irreparável de matar um inocente.

O Estado nem por isso deixa de ser Estado porque não fica impedido de realizar o seu fim.

Não é aceitável que a pena de morte seja indispensável para a tutela do bem comum.

Não é aceitável que alguma vez a pena de morte se apresente como necessária e indispensável. Ambas estas conclusões resultam também das razões anteriormente expostas.

Então o nosso Estado, porque não usa a pena de morte, não é Estado?

Em contra partida: É a Rússia um Estado «às direitas» porque brande a pena de morte?

É o articulista de «Novidades» que leva a concluí-lo com a sua bizarra teoria do Estado e da legitimidade do poder político... ao mesmo tempo que pretende ressuscitar as velhas fórmulas «Omnis potestas a Deo» e «Non est potestas nisi a Deo»⁽¹⁾ das doutrinas teocráticas em que o poder desce sobre a cabeça do rei assim à maneira do Espírito Santo, em forma de chama, sobre a cabeça dos Apóstolos...

Mas este já vai longo. Continuaremos no próximo número.

M. S.

(1) «Todo o poder vem de Deus» «Não há poder que não venha de Deus».

Vende-se

Um armazém que se pode adaptar a Garagem, na Rua dos Mouros, n.º 21

Nesta Redacção se informa.

Forgoneta

Pequena, fechada, em bom estado compra-se.

Nesta Redacção se informa.

Piano

Horizontal, em óptimo estado, vende-se.

Nesta Redacção se informa.

J. A. PACHECO
TAVIRA

Fábricas de moagem de farinha espada e ramas

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO

tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13

A Câmara de Tavira informa:

Continuação da 1.ª página

FOI superiormente autorizada a alteração do ante-plano de urbanização da cidade no que respeita à construção de prédios de 4 pisos a edificar pela Federação das Caixas de Previdência nos terrenos junto à Passagem de Nivel. Deu-se assim mais um passo nesta matéria.

A Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, comunicou de que foi autorizado à Câmara Municipal de Tavira um empréstimo no montante de 6.500 contos, nas seguintes condições:

a) Taxa de juro: 4,5% ao ano com possibilidades de elevação até 5%; b) Prazo de amortização: 15 anos, devendo reverter para amortização do empréstimo o produto da venda dos terrenos a expropriar, na medida em que tal venda se for efectuando. c) Período de utilização: Um ano.

Instituto de Socorros a Náufragos

A actividade do Instituto de Socorros a Náufragos, durante o primeiro trimestre de 1960, foi a seguinte:

Vidas salvas pelos barcos salva-vidas, 21; vidas salvas pelos equipamentos terrestres, 2; embarcações socorridas, 4.

Dos 23 salvamentos foram levados a efeito 15 no Algarve, nas seguintes condições:

Salva-vidas Almirante Alvaro Ferreira, da Fuzeta, sob as ordens do patrão Januário do Nascimento (10 vidas) — No dia 9 de Janeiro — Próximo da barra da Fuzeta encalhou o barco de pesca espanhol «Sol e Luna».

Logo que o caso foi conhecido, saíu o salva-vidas para o local mas, impossibilitado de sair a barra por haver muito mar, desembarcou o pessoal próximo do barco, pelo lado de dentro da ilha. De bordo, à se-

O Sul do meu País

É este o título de um interessante livro de versos que o Dr. Elviro da Rocha Gomes, acaba de dar à estampa.

São duas dúzias de sonetos inspirados neste Algarve garrido que o Sol beija com fervor e o mar abraça docemente.

O Dr. Elviro Rocha Gomes, que tem alma de poeta, marca pelo descritivo dos seus poemas. Sabe dar forma, graça e cor às suas produções, apreciemos estas suas chaminés, tão nossas, tão algarvias.

Nas ondas desta terra deliável
que um pouco levemente se encapela,
Cada casinha ao céu interminável
é um barco a acenar com branca vela.

E então a chaminé inolvidável
como se prendem nossos olhos nela,
Olhando-nos a rir, imperturbável,
Qual moça que se ufana de ser bela!

Vêdo-a como saltou para o telhado
Ou correu na apoteia mais pró lado
pra que de toda a parte a vejam bem!

E a gente fica a olhá-la cá da rua,
Aneidiada pelas mãos da lua,
plo sol beijada antes de mais ninguém...

São de um realismo absoluto estes versos e a sua forma é bem diferente da vulgar. Isto mostramos que o poeta é dotado de uma fina sensibilidade é duma extraordinária beleza descritiva.

Felicitemos o Dr. Rocha Gomes, por mais este seu interessante trabalho.

gunda tentativa de estabelecer ligação com a terra, por meio de uma boia ligada a um cabo, foi estabelecido um vai-vem por meio do qual se salvaram 10 pescadores.

Salva-vidas Tavira — sob as ordens do patrão Henrique Pires Faleiro (5 vidas) — No dia 23 de Fevereiro — Como se encontrasse uma embarcação ao Sul de Cacela, com o motor avariado, ssíu o salva-vidas que rebocou e salvou os seus 5 tripulantes.

Assinal o «Povo Algarvio»

Notícias Pessoais

Aniversários

Fazem anos:

Hoje — D. Maria Adelina Corvo Peres, D. Maria Encarnação Laranjo Conceição Fonseca, D. Maria Luísa Fialho Gomes, D. Maria Caetano do Rosário Frangolho, D. Maria Antonieta do Rosário Frangolho, D. Lidia Lopes Rodrigues, D. Maria do Espírito Santo Viegas Evangelista e o sr. António dos Ramos Vaquinhas,

Em 17 — D. Maria Adelaide Correia Rico Viegas, D. Maria Julieta d'Oliveira Cruz.

Em 18 — D. Maria Celeste Pires Cruz Santos, D. Mariana José Mimoso Faisca, D. Emília da Encarnação Galhardo Cardoso, D. Maria Bernardete Machado Alves de Matos e os srs. Joaquim Gil Madeira Teixeira, Manuel Alexandre dos Santos e os meninos José Eduardo Palmeira Costa e Luis Filipe Palmeira Costa.

Em 19 — Menina Ofélia Maria Augusta de Azevedo Pereira, menina Maria do Rosário Brás Cavaco e os srs. Dr. Júlio Dantas, João Gago da Graça e Francisco do Nascimento Trindade.

Em 20 — D. Maria da Conceição Pires Cruz Lança, D. Oliva da Conceição Pisco Viegas, menino José Carlos da Palma Santos e o sr. Laurentino de Jesus Gonçalves.

Em 21 — D. Maria Romana de Campos Abolm Faria Pereira Gamba Leitão, D. Orlanda Maria Galhardo Palmeira, menina Maria Helena Correia Galhardo Palmeira e os srs. Prior Joaquim Humberto Galhardo Palmeira, Ernesto da Conceição Franco e Carlos Luis de Oliveira Loureiro.

Partidas e Chegadas

De visita a seu conhado esteve há dias na Luz de Tavira, o sr. Quintino Madeira Ramos, enfermeiro da C.U.F., residente em Lisboa.

— Esteve há dias nesta cidade, o sr. Anibal Augusto Martins, funcionário da Federação das Caixas de Previdência e nosso assinante em Almada, que teve a gentileza de vir apresentar cumprimentos à nossa Redacção.

— Encontra-se nesta cidade, com sua esposa, já há alguns dias, o nosso conterrâneo e velho amigo sr. Coronel Vitorino Rodrigues Corvo, residente em Lisboa.

— Esteve em Tavira, o sr. General Leonel Aleluia da Costa Lopes, Comandante Geral da Guarda Fiscal.

Casamento

Celebrou-se no passado dia 8 na igreja Paroquial de Almada o enlace matrimonial na nossa conterrânea sr.ª D. Julieta Baptista Ramos, funcionária do M.O.P., filha da sr.ª D. Edite Baptista Ramos e do sr. Custódio Dóres Ramos, com o sr. Francisco Porfírio Tomé, funcionário da C.U.F., filho da sr.ª D. Josefa Maria Porfírio Tomé e do sr. Domingos Tomé.

Paraninfaram o acto por parte da noiva o sr. Eng. Osvaldo Baptista Bagarrão e sua esposa sr.ª D. Maria Leonor Mendonça Bagarrão, e por parte do noivo a sr.ª D. Maria Antónia Cândido e sr. João Tomé, funcionário da C.P., irmão do noivo.

Finda a cerimónia foi servido um finíssimo copo de água em casa dos noivos que fixaram residência em Almada.

Os noivos seguiram em viagem para o Norte do País.

Doente

Vítima de um desastre em bicicleta, fracturou uma perna, o sr. Joaquim Correia Dourado, proprietário, residente na Luz de Tavira, pelo que se encontra internado no Hospital da Misericórdia desta cidade.

Fazemos votos pelas suas rápidas melhoras.

Banda de Tavira

Deram o seu donativo para a Banda de Tavira os Ex.ªs Srs.:

Alberto dos Santos Pereira Rocha, Santa Catarina, 50\$00; João Mendonça Vargues, 100\$00; Eng. José Elesbão Mansinho da Graça, 50\$00; prof. José Joaquim Gonçalves, Conceição, 20\$00; Manuel Virgínio Pires, 50\$00; Coronel Vitorino Rodrigues Corvo, 30\$00; Abílio Henrique da Encarnação, 20\$00; Eng. Bento dos Santos Nascimento, 50\$00; Companhia Pescarias Barril, 20\$00; Daniel da Silva Madeira, 20\$00; sr.ª D. Ilda Cansado Teixeira de Azevedo, 20\$00; José Pedro Barão Júnior, 20\$00; João Pires da Maia Correia, 20\$00; José António Costa, 20\$00; João Francisco, 10\$00; José Anibal Palma e Silva, 10\$00; José Augusto da Costa Marques, 20\$00; José Francisco Peixoto, 15\$00; Liberto António Parra, 5\$00; Miguel Bagarrão, 20\$; Dr. Miguel Morais Simão, 10\$00; sr.ª Dr.ª D. Mariete Oliveira Bomba Garcia, 50\$00; D. Maria da Encarnação Mansinho 30\$00; Eng. Osvaldo Barragão, 40\$00; Anónimo, 20\$00; Dr. Zacarias Guerreiro, 50\$00; Renato Júlio Peres, 36\$90.

Livros e Revistas

A. C. P. distingue Santa Filomena

Atendendo à sugestão que lhe foi feita e reconhecendo tal conveniência, a Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses deliberou que o seu apeadeiro de Mouquim, em Vila Nova de Famalicão, que serve o Santuário de Santa Filomena naquela localidade, fosse acrescido na sua designação de «Santa Filomena». E assim já se pode ler naquele apeadeiro: «Mouquim — Santa Filomena».

Verifica-se que o nóvel Santuário onde se realizam anualmente duas importantes festividades a comemorar a data da morte da milagrosa Santinha (10 de Agosto) e da descoberta do seu túmulo (24 de Maio) está a atrair sobre si as atenções gerais, mercê de enormes benefícios que Ela vai prodigalizando a quem, com fé, a Ela recorre e a visita não só naqueles dias como em todos os outros, muito especialmente aos domingos.

Colocação

Foi colocado na secção de Finanças de Alvito, o nosso conterrâneo e assinante sr. José Júlio Galhardo Palmeira, que até aqui exerceu com muita competência e zelo, idênticas funções em Cuba.

Propriedade

Arrenda-se ou vende-se de sequeiro e regadio na freguesia da Conceição, Sítio das Solteiras.

Quem pretender dirija-se a Adriano Baptista dos Santos, Praça Dr. António Padinha — Tavira.

bre os grandes períodos criadores, numa edição da Cosmos.

Arco-Iris — Muito melhorado, saiu o 2.º número do «Arco-Iris», revista mensal de tudo para todos. Com 128 páginas de texto pode ver-se quanto interessantes são os assuntos tratados.

«Arco Iris» custa apenas 5\$00 e os pedidos podem ser dirigidos à Redacção — Rua da Alegria, 19-1.º Dt.º — Lisboa 2.

Seara Nova — Acrba de se publicar o n.º 1371 desta excelente revista de doutrina e crítica que se publica em Lisboa, sob a direcção de Câmara Reys.

ANGARIADOR/A

Do sexo Masculino ou Feminino bem relacionada, apresentável para venda de artigos electro-domésticos rádio, frigoríficos, máquinas de lavar, ventoinhas, misturadora de sumos, moinho café, ventiladores, etc. etc.

Necessita a:

Agência Comercial e M. do Sul

Vila Real de Santo António — Telef. 76

Máquina de Tricotar PASSAP

tão simples que dá prazer tricotar

Sem pesos nem platinas, executa todos os pontos imagináveis, trabalhando com todos os fios. 10 anos mais antiga que todas as marcas, atingiu, em 1958, 52% da exportação total suíça, ao lado de 12 marcas concorrentes. Na PASSAP o trabalho não encolhe.

A prestações mensais desde 112\$00

Agente local:

Francisco José de Mendonça Fernandes
Rua José Pires Padinha, 60 — Telf. 144 — TAVIRA

Mosaicos Leão

Indústria Tavirense

Fabricação garantida com excelente matéria prima. Executam-se em todas as cores e modelos. Os mosaicos preferidos pelos construtores pela sua qualidade e duração.

Fabricação de mosaicos de marmorite, pedras para balcão, lava-louças, tubos em cimento, etc. — PREÇOS SEM COMPETENCIA

Dirigir pedidos directamente à

Fábrica de Mosaicos Leão

Rua da Porta Nova, 7 — Telefone 110 — TAVIRA

Preferir os MOSAICOS LEÃO é contribuir para o progresso de TAVIRA

Senhores Proprietários de Automóveis

Visitai com o vosso carro a Estação de Serviço SONAP, de Martins, Filhos (Sucs.) Lda., na Rua Jaques Pessoa, nesta cidade, para vos certificar de que lá fora não sois melhor servido, não encontrareis melhor aparelhagem para tratar o vosso carro nem mais competência técnica.

Também V. Ex.ªs encontrarão na mesma Estação todas as facilidades, durante a semana e domingos, para vos servir de combustível, lubrificantes e recolha.

A Gerência

RELÓGIOS

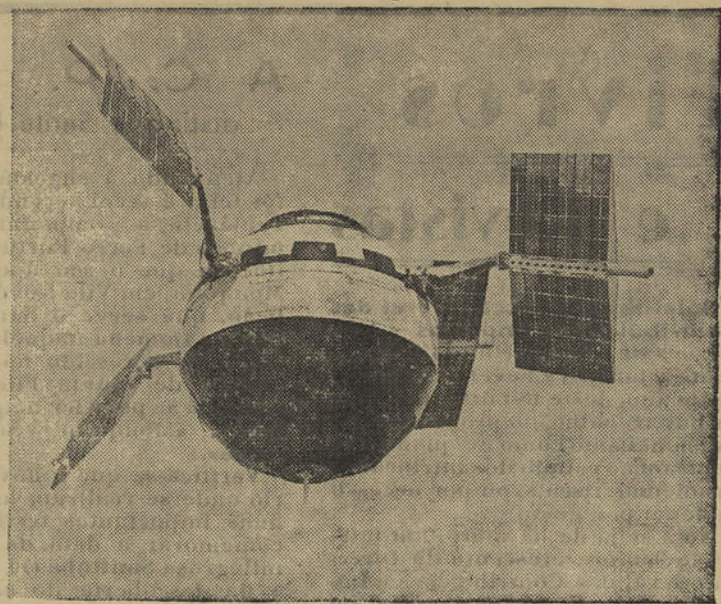
E prejuízo total a aquisição de relógio que não seja de marca garantida!

As marcas Omega, Zenith, Longines, Breitling, Tissot, Cortebert, Aureus, Serignes, Amyra, Argus, Eska, Viergines, Camy, Zinal, Record, Doha, Lukel, Zoty, Hertig, Suly watey, White Star, Watex, Sorel, Lincoln, Ampy, Cauny, Larex, Mila, Technos, Lancil, Tagus, Heloisa e Olma

Encontram-se à venda na

Ourivesaria Mansinho TAVIRA

Esta casa toma inteira responsabilidade em qualquer relógio que venda das marcas acima referidas, garantindo que os seus preços não oferecem confronto com os de outra casa, em virtude das suas compras serem efectuadas em condições vantajosas



Este é o Pioneiro V, recentemente lançado para o Espaço pelos Estados Unidos. O Pioneiro V, que pesa 43,4 quilos, gira em volta do Sol descrevendo uma órbita entre a Terra e Vénus.

Quadros de Loulé antigo

Continuação da 1.ª página

tradas intransitáveis, saúda V. Ex.ª como intérprete da razão e justiça demonstrada nos seus artigos sobre o celebrado ramal Loulé-S. Brás.

Nas «barricadas» luta-se com todo o ardor. E enquanto ela prossegue, finaliza-se o estudo que demonstra ser eximível a variante. Fora destruída a técnica que afirmava não ser possível levar a Loulé-vila o caminho de ferro. «O mais perfuntório exame da carta geográfica mostra a irrealdade de tal devaneio». Caiu pela base tão alto conceito técnico! Loulé, aquecido ao rubro da sua tenaz luta, consegue que o então Ministro do Comércio, na pessoa do Tenente-coronel Júlio César Teixeira, por seus próprios olhos tome conhecimento dos factos bem palpáveis. Este membro do Governo, acompanhado do Vice-Almirante Cabeçadas, visita Loulé nos meados de Março de 1927. Recepção condigna, e exposições perfeitamente amoldáveis ao nervosismo e justiça em que se vive.

Há afirmações políticas. Mas o Comandante Cabeçadas, antigo Chefe de Estado, esclarece. «Quero explicar: vim aqui porque me convidou o titular da pasta do Comércio. Aceitei esse convite, não obstante ter sido «corrido» do poder. Não desertei das fileiras e sacrifício a minha dignidade pessoal ofendida aos altos interesses da Pátria. Fiquei tão republicano como era. Não sinto ódios contra ninguém e até esqueci o nome de quem me mandou embora».

O ilustre Ministro declara ter recebido com o «melhor agrado as palavras francas, leais e patrióticas do sr. Comandante Cabeçadas», e que pedira para o acompanhar, «porque, sendo republicano, tinha a maior satisfação em percorrer o Algarve a seu lado, por ser ele uma alta figura da República e um dos seus patrióticos fundadores».

A luzida comitiva segue a São Brás de Alportel, e aí também os rebates do maior entusiasmo rodeiam o Ministro. A questão é posta delicadamente. O Dr. Alberto de Sousa toma a sua categorizada posição e afirma: «São Brás não pede nada, reclama apenas justiça e conformar-se-á com a opinião dos técnicos».

E depois de ouvidas as várias exposições, o Ministro salienta: «Sobre o ramal comprometo-me a fazer estudar o assunto e baseado nesse estudo procurarei a solução que a todos satisfaça e a todos una». (Diário de Notícias de 23 de Março de 1917).

Loulé, depois, endossado ao seu presidente da Câmara, recebe o seguinte seguinte telegrama: «Reconhecidamente agradecido pela carinhosa recepção que V. Ex.ª e o povo

louletano me fizeram, faço votos pelas prosperidades de Loulé e tenciono dar o melhor do meu esforço pelas coisas que me foram solicitadas por V. Ex.ª, as quais julgo justas para o desenvolvimento desse povo tão laborioso.

O Ministro do Comércio

Não esqueceu o Ministro o prometido e trata a fundo de conciliar os dois concelhos em luta aberta.

Loulé convida o Eng. Fernando de Sousa a ver com os seus próprios olhos aquilo que os mapas lhe diziam não ser possível.

Já de posse, como relator da linha férrea complementar do Sul e Sueste, de um novo estudo conciliador, no dia 3 de Dezembro de 1927 é recebido na sala das sessões da Câmara Municipal. Dr. José Soares, presidente da Câmara e Dr. Frutuoso da Silva, expõem ao Eng. todos os pontos de vista de Loulé, e, quando lhe mostram a topografia onde assenta o traçado já estudado, deixa-se dizer que «diferente é ver do que julgar pelos mapas».

A sessão na Câmara é extraordinariamente viva e palpitante, pois o grande técnico, conciliador por imposição da situação em que se colocará em tão rude peleja, diz: relativamente à construção do desvio, tive apenas em vista o pequeno aumento de preço dos bilhetes que os habitantes de alguns concelhos teriam que pagar. De resto, é minha opinião que a obra é executável, podendo considerar-se o desvio como fazendo parte da linha de penetração do Alentejo, tendo o seu início no pontão da estação de Almancil».

«O absurdo desvio» era por si próprio reposto em lugar de honra!!!

E vejamos como foi colocada a questão que fez calar os dois concelhos: uma linha férrea sairia de Messines, Alte, Benafim, Salir, Querença a Alportel; uma outra: Alcantaral a Loulé, Querença e Almodovar.

A esta sentença, os lutadores abatem as «armas», dão palmas e ficam esperando... esperando... esperando que o dinheiro em Portugal transborde as ruas da abundância para se construir um caminho de ferro de penetração assaz aneloso e difícil quando os camions de carga e as camionetas de passageiros vão sendo dia a dia os reis soberanos que dão as cartas neste reinado de tantíssimas evoluções e revoluções no sistema de transportes.

Sambrasenses e loulitanos arrefeceram em seus entusiasmos, pois a criação da camionagem, onde se acomodam os seus interesses antigos elementos combativos, coloca-os em posição de indiferentes à plataforma apresentada pelo Eng. Fernando de Sousa. E Loulé

Obras de António Aleixo

Continuação da 1.ª página

novo ressaltam aos nossos ouvidos, como notas vivas de sentimento.

Não é só na grande serra que os poetas cantam bem Os rouxinóis são da serra E cantam como ninguém

Engraxadores sem caixa há aos centos na cidade. Que só usam de tal graxa que envenena a sociedade.

Sei que pareço um ladrão... mas há muitos que eu conheço que, sem parecer o que são, são aquilo que eu pareço.

Ris de mim, e eu de ti Não me sei rir, nem preciso; quem tem juízo não ri dos que não têm juízo.

Os meus versos o que são? — devem ser, se os não confundo, pedaços do coração que deixo cá neste mundo.

Roubou-lhe o primeiro beijo o patrão que a iludiu, hoje o seu corpo é sobejo da casa onde serviu.

Eis algumas quadras colhidas a esmo nos seus livros, pedaços do seu coração que, conforme o poeta disse, deixou, cá neste mundo.

Pela simplicidade da forma e da linguagem os seus versos conquistaram a simpatia popular e raros são os algarvios que não as sabem de cor.

Dado o fim humanitário a que estes livros se destinam auguramos-lhe o justo êxito que merecem.

Portugal encontra-se representado

na IV Feira do Comércio Mundial em Nova Iorque

No Salão de Exposições do Colliseu de Nova Iorque; está patente ao público, desde o passado dia 4, a IV Feira do Comércio Mundial, patrocinada pelo Department of Commerce and Public Events, de Nova Iorque. Participam no certame — considerado o maior do género, até hoje realizado no Hemisfério Ocidental — mais de 60 países (entre os quais Portugal) apresentando cerca de 3.000 amostras dos seus produtos.

A feira oferece um panorama virtual do progresso de quase todos os países do Mundo e é uma contribuição directa para o fomento do comércio internacional. E, além disso, um ótimo instrumento para demonstrar as realizações da Comunidade Europeia de energia Atómica (Eurátomo), da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço e da Comunidade Económica Europeia (Mercado Comum), que têm cada uma o seu pavilhão.

vê frustrados seus sonhos do caminho de ferro: ponto morto mais uma vez:

Alguns anos são passados no silêncio. A camionagem vai-se desenvolvendo. A guerra civil da Espanha (1936 a 1939) faz movimentar todo o nosso meio de transportes. A segunda grande guerra dificulta o pneu e dá prioridade ao carril. Preside aos destinos de Loulé, José da Costa Guerreiro, um todo defensor do desvio.

Eu estou sempre à «espreita». Não esqueço; não posso esquecer a questão palpitante porque sou ferroviário de profissão e compreender que a minha terra muito lucraria, embora com o desenvolvimento da camionagem, com o caminho de ferro dentro de si. E no jornal «O Louletano», de 30 de Março de 1939, enceta nova campanha, principiando por dizer: «Quando há 13 anos «batalhei» contra fortes «castelos» por causa do desvio, mal supunha então que passado este lapso de tempo novamente viria à luz da imprensa defender tão justa causa, que até hoje ainda não viu chegada a hora da sua realização».

Tenho o consolo de receber valiosos elementos à minha chamada, entre eles o jovem Dr. João Maria Barros Santos. O Eng. Fernando de Sousa fica alheio ao novo movimen-

Continua na 2.ª Página

As culturas intercalares nos pomares de citrinos

Extrato do colóquio sobre citricultura realizado no passado mês na Sala da Biblioteca da Câmara Municipal de Tavira pelo Engenheiro Agrónomo José Francisco Pereira da Assunção.

UM aspecto que ainda não focamos, — o das culturas intercalares nos pomares de citrinos que são feitas na região de Marrakech, onde o valor do regadio é dos mais elevados de Marrocos.

A horticultura e a cultura das roseiras são as mais frequentes.

Nesta última, à medida que as árvores crescem, vão sendo arrancadas, anualmente, em cada entre linha de árvores as duas filas de roseiras exteriores.

É de reconhecida importância a cultura das roseiras em Marrakech sendo as suas flores exportadas para várias pontos de Marrocos.

A floricultura, duma maneira geral, adquire aspectos muito interessantes neste País onde os franceses implantaram o que se pode chamar «o culto da flor».

Mas não só a floricultura é feita intercaladamente nos pomares pois também a horticultura aparece frequentemente.

Este aspecto da cultura intercalar não se nos tinha apresentado no «El Gharb», que primeiramente visitamos, onde extensas planícies ricas de água estão ainda praticamente sem utilização adequada.

O aproveitamento ou não das terras dos pomares, com culturas subsidiárias, tem nestes dois casos focados a sua melhor explicação.

Em «El Gharb» terra barata, disponível e escassez de mão de obra — cultura intercalar sem interesse —.

Em «Marrakech»: terra cara, mão de obra acessível e produção valorizada — cultura intercalar com interesse ainda que subordinada às conveniências culturais do pomar.

Deve, no entanto, frizar-se que há sempre o objectivo de fazer as culturas intercalares sem prejuízo do pomar. Assim, no caso da plantação, é reservado um canteiro, por cada fila de árvores, com três metros de largura, isto é, as árvores ficam no meio do canteiro a 1,5 metros

dos camalhões. Por cada ano que passe a largura dos canteiros é crescida de 1 metro, ou seja meio metro para cada lado, até à ocupação total da terra pelo pomar, o que normalmente se verifica ao fim do décimo ano de plantação.

Além destes preceitos também se restringe o número de culturas banindo aquelas que, por efeito de concorrência, possam prejudicar o bom e rápido desenvolvimento do pomar.

No caso dos pomares de citrinos algarvios admitimos e defendemos mesmo as culturas intercalares desde que estas sejam de espécies melhoradas e se realizem em terrenos não ocupados pelas raízes das árvores, isto é, apenas durante os seus primeiros anos. Deverá, pois, ser banida a cultura de gramíneas e a de espécies que, pelo seu desenvolvimento, possam prejudicar o crescimento das plantas ou empobrecer o terreno. A armação do terreno para rega deverá subordinar-se ao pomar. Cada fila de árvores ficará no meio de um canteiro, em que os camalhões, de cada lado das árvores, serão estabelecidos a um metro de distância do seu pé, isto é, os canteiros, no ano da plantação, deverão ter dois metros de largura. Em cada ano que for passando esses canteiros serão alargados de um metro, isto é, de meio metro para cada lado das filas das árvores até completa ocupação de terreno. Procedendo segundo estes moldes as árvores ficam sempre completamente independentes das culturas intercalares não sofrendo, portanto, com a sua concorrência o podendo-se-lhes dispensar, em qualquer altura, os cuidados culturais que necessitarem (regas, sachas, adubações, tratamentos fitossanitários, etc.).

De uma forma obterão os proprietários um apreciável rendimento durante os primeiros anos do pomar que servirá para atenuar as despesas de instalação sem prejuízo para o seu rápido desenvolvimento e antes procurando-se aumentar o nível de fertilidade do terreno.

Ministério da Economia Direcção-Geral dos Combustíveis EDITAL

Eu, Francisco José Machado Gomes, Eng.º-Chefe da 4.ª Repartição da Direcção-Geral dos Combustíveis servindo de chefe da 2.ª Repartição:

Faço saber que a Sociedade Nacional de Petróleos (SONAP) pretende obter licença para ampliar, com mais, um depósito subterrâneo para gasolina, de 6000 litros de capacidade, a uma instalação de armazenagem para venda, sita na Rua Borda d'Agua d'Aguiar, em Tavira, freguesia de Santa Maria, concelho de Tavira, distrito de Faro.

E como a referida instalação se acha abrangida pelas disposições do decreto n.º 29.034, de 1/10/958, que regula a importação, armazenagem e tratamento industrial dos petróleos brutos, seus derivados e resíduos e pelas do decreto n.º 36.270, de 9/5/947, que aprova o Regulamento de Segurança daquelas instalações, com os inconvenientes de perigo de incêndio, mau cheiro, explosão, derrames e emanações nocivas, são por isso e em conformidade com as disposições do citado decreto n.º 29.034, convidadas as entidades singulares ou colectivas a apresentar, por escrito, dentro do prazo de 20 dias, contados da data da publicação deste edital, as suas reclamações, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Repartição, Avenida Miguel Bombarda, n.º 6, em Lisboa.

Lisboa e Direcção-Geral dos Combustíveis, em 19 de Abril de 1960

O Eng.º-Chefe da Repartição,
Francisco José Machado Gomes